



QUALIS
A2



A FRAGILIDADE DO SER E O SILÊNCIO DAS MARGENS: UMA LEITURA EXISTENCIAL DE A HORA DA ESTRELA¹

THE FRAGILITY OF BEING AND THE SILENCE OF THE MARGINS: AN EXISTENTIAL READING OF THE HOUR OF THE STAR

Jocirley de OLIVEIRA
Faculdade de Ciências do Tocantins (FACIT)
E-mail: oliveiraaraguaina2013@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0009-0008-4126-0091>

RESUMO

O presente artigo propõe uma leitura existencial do romance *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, analisando a construção da personagem Macabéa como representação da fragilidade humana, da invisibilidade social e do silenciamento das margens na sociedade brasileira. O objetivo da pesquisa consiste em compreender de que maneira a narrativa clariceana evidencia questões relacionadas à existência, à solidão, à precariedade subjetiva e à ausência de pertencimento social da protagonista. A investigação desenvolve-se por meio de uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e interpretativista, fundamentada nos estudos da crítica literária, da filosofia existencialista e das discussões acerca da marginalização social na literatura brasileira contemporânea. O percurso metodológico baseia-se na análise textual do romance, articulando elementos narrativos, simbólicos e discursivos que revelam o vazio existencial vivido por Macabéa. Os resultados apontam que a obra transcende a simples denúncia social, configurando-se como uma profunda reflexão sobre a condição humana, o silêncio das identidades invisibilizadas e a incapacidade de comunicação em uma sociedade marcada pela exclusão e pela indiferença. Conclui-se que Clarice Lispector constrói uma narrativa de forte densidade existencial, em que a protagonista simboliza sujeitos historicamente marginalizados e destituídos de voz social.

Palavras-chave: Existencialismo. Marginalização. Silêncio. Identidade. Literatura brasileira.

¹ COMO CITAR: (ABNT): OLIVEIRA, J. A Fragilidade do ser e o Silêncio das Margens: Uma Leitura Existencial de *A Hora Da Estrela*. **JNT Facit Business and Technology Journal**. Qualis A2. ISSN: 2526-4281, Mês de Junho de 2026 - Ed. 75. VOL. 01. Págs. 220-249. Disponível: <http://revistas.faculdadefacit.edu.br>. Acesso em: __/__/__.

ABSTRACT

This article proposes an existential reading of the novel *The Hour of the Star* by Clarice Lispector, analyzing the construction of the character Macabéa as a representation of human fragility, social invisibility, and the silencing of marginalized individuals in Brazilian society. The objective of the research is to understand how Clarice Lispector's narrative highlights issues related to existence, loneliness, subjective precariousness, and the protagonist's lack of social belonging. The study adopts a qualitative, bibliographical, and interpretative approach, grounded in literary criticism, existentialist philosophy, and discussions concerning social marginalization in contemporary Brazilian literature. The methodological path is based on textual analysis, articulating narrative, symbolic, and discursive elements that reveal Macabéa's existential emptiness. The results demonstrate that the novel goes beyond mere social denunciation, becoming a profound reflection on the human condition, the silence of invisible identities, and the inability to communicate in a society marked by exclusion and indifference. It is concluded that Clarice Lispector constructs a narrative of intense existential density in which the protagonist symbolizes historically marginalized subjects deprived of social voice.

Keywords: Existentialism. Marginalization. Silence. Identity. Brazilian literature.

INTRODUÇÃO

A literatura brasileira contemporânea consolidou-se como um importante espaço de problematização das desigualdades sociais, das crises identitárias e das inquietações existenciais que atravessam a experiência humana. Nesse contexto, a obra *A Hora da Estrela*, publicada em 1977, destaca-se como uma das narrativas mais densas e inquietantes da produção literária de Clarice Lispector, ao construir uma personagem marcada pela invisibilidade social, pela pobreza extrema e pela ausência de pertencimento no mundo moderno. A protagonista Macabéa emerge como representação simbólica dos sujeitos marginalizados, cuja existência é constantemente silenciada pelas estruturas sociais, econômicas e culturais que definem os espaços de exclusão na sociedade brasileira.

A narrativa clariceana ultrapassa os limites do romance social tradicional ao articular, de maneira profunda e subjetiva, questões relacionadas à condição humana, ao vazio existencial e à fragilidade do indivíduo diante da indiferença coletiva. Em *A Hora da Estrela*, a miséria não se manifesta apenas como privação material, mas

também como ausência de reconhecimento, de identidade e de linguagem. Macabéa vive à margem não apenas da sociedade, mas também de si mesma, incapaz de compreender plenamente sua própria existência. Essa construção narrativa aproxima a obra das discussões filosóficas existencialistas, especialmente no que concerne à solidão, à angústia e à busca frustrada de sentido para a vida.

A relevância acadêmica da obra reside justamente em sua capacidade de tensionar múltiplas dimensões da experiência humana. Ao apresentar uma personagem socialmente invisibilizada, Clarice Lispector evidencia as relações entre exclusão social e apagamento subjetivo, revelando como determinados sujeitos são privados não apenas de direitos materiais, mas também do reconhecimento simbólico de sua humanidade. Nesse sentido, a narrativa assume uma dimensão crítica ao denunciar estruturas sociais excludentes e, simultaneamente, uma dimensão existencial ao problematizar a precariedade da condição humana.

A estrutura metalinguística do romance amplia sua complexidade interpretativa. O narrador Rodrigo S. M., ao mesmo tempo em que relata a história de Macabéa, questiona constantemente os limites da linguagem e da própria representação literária. A narrativa passa, então, a refletir sobre o ato de narrar, sobre a impossibilidade de apreender completamente o outro e sobre a insuficiência das palavras diante da dor e da existência humana. Essa característica confere à obra uma dimensão filosófica singular, tornando-a objeto recorrente de estudos no campo da crítica literária contemporânea.

Sob a perspectiva dos estudos existencialistas, Macabéa representa um sujeito destituído de consciência plena acerca de sua própria condição. Sua vida é marcada pela repetição, pela submissão e pela ausência de projetos existenciais concretos. Diferentemente dos heróis tradicionais da literatura, a protagonista não protagoniza grandes rupturas nem enfrenta transformações significativas; ao contrário, sua trajetória é construída pela permanência da invisibilidade e pela incapacidade de romper com a lógica opressiva que a cerca. Essa condição evidencia uma existência marcada pelo silêncio e pela insignificância social.

A escolha do romance como objeto desta investigação justifica-se pela permanência de sua atualidade temática e pela profundidade de suas implicações filosóficas e sociais. Em uma sociedade ainda marcada por desigualdades estruturais, exclusões simbólicas e processos de invisibilização social, a narrativa de Macabéa permanece profundamente contemporânea. A personagem simboliza sujeitos historicamente marginalizados, pobres, nordestinos, mulheres e invisíveis, cuja

existência raramente ocupa espaços centrais nos discursos de poder e representação social.

Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo analisar a construção existencial da personagem Macabéa em *A Hora da Estrela*, investigando de que maneira a narrativa clariceana representa a fragilidade do ser humano e o silenciamento das margens sociais. Busca-se compreender como a obra articula questões relacionadas à exclusão, à identidade, à solidão e à ausência de pertencimento, estabelecendo um diálogo entre literatura, filosofia existencialista e crítica social.

Portanto, este estudo parte da compreensão de que a literatura não se limita à representação estética da realidade, mas constitui também um espaço de problematização das experiências humanas e das estruturas sociais que produzem silenciamentos e exclusões. Em *A Hora da Estrela*, Clarice Lispector constrói uma narrativa profundamente humana, na qual a fragilidade da existência e o silêncio das margens revelam não apenas o drama individual de Macabéa, mas também as contradições de uma sociedade incapaz de reconhecer plenamente a humanidade daqueles que vivem à margem.

METODOLOGIA

A presente pesquisa desenvolveu-se por meio de uma abordagem qualitativa, considerando que o objeto de estudo, a dimensão existencial e simbólica da personagem Macabéa em *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, exige interpretação crítica, subjetiva e hermenêutica das estruturas narrativas, dos discursos e das representações literárias presentes na obra. A abordagem qualitativa mostrou-se adequada por possibilitar uma análise aprofundada dos sentidos produzidos pelo texto literário, especialmente no que se refere às categorias de existência, invisibilidade social, marginalização e fragilidade humana.

Diferentemente das pesquisas quantitativas, que se concentram em dados estatísticos e mensuráveis, a investigação qualitativa permite compreender os fenômenos simbólicos e subjetivos presentes na narrativa literária. Conforme Minayo (2016), a pesquisa qualitativa ocupa-se do universo dos significados, crenças, valores, atitudes e interpretações, permitindo compreender fenômenos sociais e humanos que não podem ser reduzidos à simples operacionalização de variáveis numéricas.

Quanto aos objetivos, a investigação caracteriza-se como exploratória e descritiva, assumindo também um viés crítico-interpretativo. Exploratório porque busca ampliar a compreensão acerca das relações entre literatura, existência e

exclusão social na narrativa clariceana, especialmente a partir da trajetória da protagonista Macabéa, personagem marcada pela invisibilidade e pela precariedade de sua condição humana. A pesquisa procura compreender como Clarice Lispector constrói, por meio da linguagem literária, uma representação profunda das margens sociais e do vazio existencial vivido pela personagem.

O caráter descritivo da investigação manifesta-se na análise dos elementos constitutivos da narrativa, linguagem, narrador, personagens, tempo, espaço e simbologias, identificando de que forma esses aspectos contribuem para a construção da subjetividade de Macabéa e para a crítica social desenvolvida ao longo da obra. Além disso, a perspectiva crítico-interpretativa permitiu examinar a obra não apenas como manifestação estética, mas também como instrumento de reflexão filosófica e social.

No que se refere aos procedimentos técnicos, a pesquisa fundamentou-se predominantemente em levantamento bibliográfico, realizado a partir de livros, artigos científicos, dissertações, teses e ensaios críticos relacionados à literatura brasileira contemporânea, à obra de Clarice Lispector e às teorias existencialistas e fenomenológicas aplicadas à análise literária. Também foram utilizados estudos críticos sobre exclusão social, subjetividade, identidade e representação das margens na literatura brasileira moderna.

A pesquisa bibliográfica possibilitou o acesso ao estado da arte sobre o tema investigado, permitindo o diálogo entre diferentes perspectivas teóricas e metodológicas acerca da produção clariceana. Segundo Gil (2019), a pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador examinar criticamente contribuições teóricas já produzidas, favorecendo novas interpretações e aprofundamentos sobre determinado objeto de estudo. Dessa forma, o levantamento bibliográfico constituiu etapa essencial para a fundamentação teórica e para a construção analítica da pesquisa.

A análise da obra foi conduzida por meio de leitura analítica, interpretativa e hermenêutica do romance, observando-se especialmente os aspectos discursivos, filosóficos e simbólicos presentes na narrativa. A investigação concentrou-se na construção da subjetividade de Macabéa, na atuação do narrador Rodrigo S. M., na representação do silêncio, da invisibilidade social e da ausência de pertencimento, bem como na presença de elementos existenciais relacionados à solidão, ao abandono e à precariedade da condição humana.

Também foram analisados os recursos estilísticos utilizados por Clarice Lispector, especialmente a fragmentação narrativa, o fluxo reflexivo do narrador e a

linguagem introspectiva, elementos que reforçam o caráter existencial da obra. A interpretação dos dados textuais foi realizada à luz da crítica literária contemporânea e de referenciais teóricos voltados à análise existencial da literatura, buscando compreender de que maneira a narrativa denuncia os processos de exclusão social e silenciamento dos sujeitos marginalizados.

A pesquisa adotou ainda uma perspectiva interdisciplinar, articulando estudos literários, filosofia existencialista e crítica social, compreendendo a literatura como espaço privilegiado de reflexão sobre a condição humana e sobre as estruturas de exclusão presentes na sociedade contemporânea. Essa perspectiva permitiu ampliar a compreensão da obra para além de sua dimensão estética, reconhecendo-a como manifestação crítica das desigualdades sociais e das formas de invisibilização dos sujeitos periféricos.

Nesse sentido, buscou-se demonstrar que *A Hora da Estrela* transcende a simples narrativa individual de uma personagem marginalizada, constituindo-se como denúncia das violências simbólicas e sociais que atingem sujeitos historicamente excluídos. A pesquisa evidencia, portanto, que a obra de Clarice Lispector permanece atual ao problematizar questões relacionadas à dignidade humana, ao silenciamento das margens e à fragilidade existencial dos indivíduos em uma sociedade marcada pela indiferença e pela desigualdade.

A ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA E O SILÊNCIO DAS MARGENS EM A HORA DA ESTRELA

A Hora da Estrela e a Representação da Invisibilidade Social na Literatura Brasileira Contemporânea

A literatura brasileira contemporânea consolidou-se como espaço de problematização das desigualdades sociais, das tensões identitárias e das múltiplas formas de exclusão produzidas pela modernidade urbana. Nesse contexto, *A Hora da Estrela*, publicado em 1977 por Clarice Lispector, ocupa posição singular ao apresentar uma narrativa profundamente marcada pela invisibilidade social e pela fragilidade existencial da protagonista Macabéa.

A obra transcende os limites de uma narrativa individual para tornar-se representação simbólica de sujeitos marginalizados, esquecidos pelas estruturas sociais e econômicas do país. Clarice constrói uma personagem cuja existência parece dissolver-se na indiferença coletiva, revelando as contradições de uma sociedade incapaz de reconhecer humanidade nos indivíduos situados às margens da modernidade capitalista.

Macabéa representa a figura do sujeito invisível, aquele cuja presença não produz impacto social e cuja voz permanece silenciada diante das estruturas de poder. Migrante nordestina pobre, órfã, sem acesso à educação plena e submetida a condições precárias de sobrevivência, a personagem encarna o retrato da exclusão social historicamente vivenciada por milhares de brasileiros deslocados para os grandes centros urbanos.

Sua trajetória evidencia como a pobreza ultrapassa a dimensão econômica, atingindo também o campo simbólico e afetivo. A personagem não apenas sofre a exclusão material, mas experimenta a ausência de reconhecimento social, tornando-se quase imperceptível dentro do espaço urbano em que vive.

A invisibilidade social de Macabéa manifesta-se na forma como os demais personagens a enxergam, ou deixam de enxergar. Olímpico de Jesus a despreza por sua fragilidade e pobreza; Glória a reduz a um objeto de pena; o chefe sequer memoriza sua existência. A própria narradora-personagem parece reconhecer que Macabéa ocupa um espaço de insignificância social tão profundo que sua morte pouco altera a dinâmica do mundo ao redor.

Essa condição evidencia aquilo que a crítica contemporânea identifica como desumanização simbólica dos sujeitos periféricos, processo pelo qual determinadas vidas deixam de ser consideradas relevantes dentro da lógica social dominante.

Nesse sentido, a narrativa clariceana aproxima-se de uma crítica social silenciosa, mas extremamente contundente. Diferentemente do regionalismo social da geração de 1930, que frequentemente enfatizava as estruturas econômicas da exclusão, Clarice Lispector desloca o foco para o interior da subjetividade da personagem, revelando os efeitos existenciais da marginalização.

A autora não constrói um discurso panfletário ou explicitamente político; ao contrário, utiliza o silêncio, a introspecção e a fragmentação narrativa para expor a precariedade humana produzida pelas desigualdades sociais. O drama de Macabéa não reside apenas em sua miséria econômica, mas na incapacidade de perceber-se como sujeito digno de existência plena. Essa dimensão de apagamento subjetivo pode ser observada no excerto a seguir:

Ela era subterrânea e nunca tinha tido floração. Minto: ela era capim. Capim vagamente pensante. Sentia-se tão perdida que nem se perdia. Era como se estivesse no limbo pessoal de quem não alcançou o pior nem o melhor. Só estava sendo (Lispector, 1998, p. 38).

A passagem evidencia a profunda despersonalização da personagem, cuja existência é reduzida a uma condição quase vegetal, destituída de potência,

identidade ou reconhecimento. A metáfora do “capim vagamente pensante” traduz a percepção de uma vida mínima, apagada e socialmente irrelevante.

Clarice Lispector constrói, assim, uma crítica radical à lógica social que transforma sujeitos pobres em existências invisíveis, incapazes de ocupar espaços de pertencimento ou afirmação subjetiva. A invisibilidade de Macabéa torna-se símbolo da exclusão estrutural presente na sociedade brasileira contemporânea.

Outro aspecto relevante da obra é a maneira como a cidade do Rio de Janeiro aparece como espaço de exclusão e anonimato. Diferentemente da imagem idealizada da metrópole como espaço de progresso e ascensão social, a cidade surge como ambiente indiferente, marcado pela solidão e pela fragmentação humana.

Macabéa circula pelas ruas sem estabelecer vínculos significativos, vivendo uma existência quase mecânica. A cidade moderna, em vez de acolhê-la, intensifica sua sensação de deslocamento e insignificância. Essa representação urbana aproxima-se das reflexões sociológicas sobre a modernidade e o enfraquecimento das relações humanas nos grandes centros urbanos.

A construção narrativa de Rodrigo S. M. também contribui para a problematização da invisibilidade social. O narrador reconhece constantemente sua dificuldade em contar a história de Macabéa, pois compreende que narrar a vida de alguém invisível exige romper com padrões tradicionais de representação literária.

Rodrigo sente-se desconfortável diante da miséria existencial da personagem e admite, em diversos momentos, sua própria impotência diante da exclusão social que descreve. A metaficção presente na obra reforça a consciência crítica da narrativa, transformando o ato de narrar em exercício ético de reconhecimento da alteridade marginalizada. A dimensão metaficcional da obra torna-se evidente quando o narrador afirma:

Esta história acontece em estado de emergência e de calamidade pública. Trata-se de livro inacabado porque lhe falta a resposta. Resposta esta que espero que alguém no mundo ma dê. Vós? É uma história em technicolor para ter algum luxo, por Deus, que eu também preciso (Lispector, 1998, p. 11).

A citação evidencia o caráter inquietante e inacabado da narrativa, marcada pela impossibilidade de oferecer respostas definitivas para a exclusão humana representada por Macabéa. O narrador reconhece que a história da personagem não constitui caso isolado, mas expressão de uma calamidade social coletiva. A ausência de respostas simboliza a incapacidade da própria sociedade de enfrentar as desigualdades que produz. Dessa forma, a obra transforma-se em denúncia ética e existencial das violências silenciosas que atingem sujeitos marginalizados.

Além da dimensão social, *A Hora da Estrela* também problematiza os limites da representação literária diante da miséria humana. Clarice Lispector questiona até que ponto a linguagem é capaz de traduzir plenamente a dor, a exclusão e o vazio existencial vividos por Macabéa.

O texto apresenta constantes interrupções reflexivas, hesitações narrativas e fragmentações discursivas, revelando a insuficiência da palavra diante da experiência humana extrema. Essa característica aproxima a obra de uma perspectiva existencialista, na qual o silêncio e a ausência de sentido ocupam papel central na construção da subjetividade contemporânea.

Portanto, *A Hora da Estrela* constitui uma das mais importantes representações da invisibilidade social na literatura brasileira contemporânea. A obra de Clarice Lispector rompe com modelos tradicionais de narrativa social ao deslocar a crítica das estruturas econômicas para os efeitos subjetivos da exclusão. Macabéa emerge como símbolo da fragilidade humana diante de uma sociedade marcada pela indiferença, pela desigualdade e pelo apagamento simbólico das vidas periféricas. Ao dar voz a uma personagem historicamente invisibilizada, Clarice transforma a literatura em espaço de denúncia, reflexão ética e reconhecimento da humanidade daqueles que vivem às margens da existência social.

A Construção Existencial de Macabéa: Solidão, Silêncio e Ausência de Pertencimento

A construção da personagem Macabéa em *A Hora da Estrela* constitui uma das mais profundas representações da fragilidade existencial na literatura brasileira contemporânea. Criada por Clarice Lispector, a protagonista emerge como sujeito marcado pela solidão, pela ausência de identidade consolidada e pelo apagamento simbólico de sua própria existência.

Desde as primeiras páginas da narrativa, percebe-se que Macabéa vive em estado permanente de deslocamento, como alguém incapaz de integrar-se plenamente ao mundo ao seu redor. Sua condição existencial não se limita à pobreza material; ela manifesta também uma pobreza afetiva, emocional e subjetiva, que a impede de construir vínculos sólidos ou reconhecer sua própria individualidade.

A solidão de Macabéa apresenta-se como elemento estrutural da narrativa. A personagem vive isolada não apenas fisicamente, mas sobretudo emocionalmente. Órfã desde cedo, criada por uma tia violenta e privada de experiências afetivas significativas, Macabéa cresce sem desenvolver plenamente a consciência de si mesma enquanto sujeito digno de reconhecimento e afeto.

Sua vida cotidiana é marcada pela repetição mecânica de ações simples e pela ausência de perspectivas futuras. Mesmo cercada por pessoas na cidade grande, permanece profundamente só, incapaz de estabelecer conexões humanas autênticas. Essa solidão evidencia uma dimensão existencial em que o indivíduo se encontra abandonado diante do mundo e de sua própria insignificância.

A narrativa clariceana evidencia que Macabéa possui uma percepção extremamente limitada de sua própria condição. Diferentemente de personagens que sofrem conscientemente sua exclusão social, Macabéa parece naturalizar sua precariedade como algo inevitável. Ela não reivindica espaço, não questiona injustiças e tampouco demonstra plena consciência da violência simbólica que sofre diariamente.

Esse aspecto torna sua existência ainda mais dolorosa, pois revela uma subjetividade fragilizada a ponto de não reconhecer o direito de desejar uma vida diferente. A ausência de consciência crítica sobre sua própria condição transforma a personagem em símbolo radical da invisibilidade humana produzida pelas estruturas sociais excludentes.

Nesse sentido, a linguagem utilizada por Clarice Lispector reforça constantemente a condição existencial da protagonista. A autora constrói uma narrativa marcada pelo silêncio, pela fragmentação e pelas pausas reflexivas, elementos que reproduzem literariamente o vazio interior vivido por Macabéa.

O silêncio da personagem não representa apenas ausência de fala, mas impossibilidade de expressão subjetiva. Macabéa pouco fala porque pouco lhe foi permitido existir simbolicamente. Sua voz parece abafada por uma sociedade que não reconhece valor em sua presença. O silêncio, portanto, transforma-se em linguagem da exclusão e da ausência de pertencimento. Tal apagamento identitário pode ser observado no trecho a seguir: “Ela não sabia que era infeliz. É porque nunca prestara atenção em si mesma, nunca lhe ocorrera que ela pudesse ser o que era. Julgava que as pessoas eram assim mesmo. Não tinha” (Lispector, 1998, p. 27).

A passagem evidencia a extrema alienação existencial da personagem, incapaz de reconhecer a própria condição de sofrimento. O fato de Macabéa não perceber sua infelicidade demonstra o nível de apagamento subjetivo ao qual foi submetida ao longo da vida.

A personagem não possui parâmetros afetivos ou sociais que lhe permitam compreender a precariedade de sua existência. Clarice Lispector constrói, assim, uma figura humana cuja identidade parece dissolvida antes mesmo de consolidar-se

plenamente, revelando os efeitos mais profundos da exclusão social sobre a subjetividade.

Outro aspecto fundamental da construção existencial de Macabéa refere-se à sua ausência de pertencimento. A personagem não pertence plenamente ao Nordeste, de onde saiu ainda jovem, nem ao Rio de Janeiro, cidade que a recebe com indiferença. Também não pertence aos espaços afetivos, profissionais ou sociais que frequenta.

Seu relacionamento com olímpico é marcado pela humilhação e pelo desprezo; no ambiente de trabalho, sua presença é quase imperceptível; entre as colegas, ocupa posição secundária e desvalorizada. Essa ausência de pertencimento transforma Macabéa em sujeito permanentemente deslocado, alguém cuja existência parece não encontrar lugar legítimo dentro do mundo social.

A condição existencial da protagonista aproxima-se, em muitos momentos, das reflexões filosóficas do existencialismo acerca do absurdo e da precariedade da existência humana. Macabéa vive sem grandes expectativas, desejos ou projetos, limitando-se à sobrevivência cotidiana. Sua rotina repetitiva evidencia uma vida esvaziada de transcendência e sentido.

Contudo, ao contrário do existencialismo clássico europeu, no qual o sujeito frequentemente enfrenta conscientemente o vazio existencial, Macabéa sequer alcança plena consciência de sua própria condição. Essa diferença torna sua trajetória ainda mais trágica, pois a personagem vive aprisionada em uma existência mínima, incapaz de elaborar criticamente o próprio sofrimento. Essa condição torna-se ainda mais evidente quando a narradora afirma: “Ela era tão insignificante que ninguém a olhava duas vezes. Aliás, ninguém a olhava uma vez sequer. Talvez a moça fosse uma verdade da qual eu não queria saber” (Lispector, 1998, p. 65).

A citação reforça o processo de invisibilização social vivido pela protagonista. Macabéa não apenas ocupa posição marginal dentro da sociedade, mas parece existir fora do campo de percepção dos outros sujeitos. A afirmação do narrador revela, ainda, que a personagem simboliza uma verdade social incômoda: a existência de vidas humanas constantemente ignoradas pelas estruturas sociais e culturais. Clarice Lispector transforma Macabéa em representação das múltiplas existências anônimas e silenciadas que habitam as margens da modernidade brasileira.

A personagem demonstra profunda carência de elaboração subjetiva acerca do próprio corpo, dos afetos e dos desejos. Sua relação consigo mesma é marcada pela incompletude e pela ausência de autopercepção. Macabéa não se reconhece como mulher desejável, inteligente ou digna de atenção.

Sua feminilidade aparece atravessada pela precariedade, pela timidez extrema e pela negação simbólica de sua humanidade. Nesse sentido, Clarice Lispector realiza uma crítica contundente às formas de exclusão que atingem mulheres pobres e periféricas, cujas subjetividades são frequentemente silenciadas dentro das estruturas patriarcais e capitalistas da sociedade.

A trajetória de Macabéa alcança seu ápice existencial no momento da morte, quando, paradoxalmente, a personagem parece experimentar uma espécie de reconhecimento tardio de si mesma. O instante final da narrativa sugere uma breve ruptura com a invisibilidade que marcou toda sua existência.

Contudo, esse reconhecimento ocorre apenas no limite extremo entre vida e morte, reforçando a dimensão trágica da obra. A “hora da estrela” simboliza, portanto, um instante efêmero de existência plena para alguém que passou a vida inteira sendo ignorada pelo mundo.

Desse modo, a construção existencial de Macabéa evidencia a profundidade filosófica e social da narrativa clariceana. A personagem representa não apenas a solidão individual de uma mulher pobre e marginalizada, mas também a condição de milhares de sujeitos invisibilizados pelas estruturas sociais contemporâneas. Clarice Lispector transforma o silêncio, a ausência de pertencimento e a fragilidade humana em elementos centrais de uma reflexão literária sobre a existência, revelando que as maiores violências sociais muitas vezes se manifestam na negação simbólica da humanidade do outro.

Rodrigo S. M. e a Metaficção: O Narrador como Consciência Crítica da Exclusão Social

Em *A Hora da Estrela*, Clarice Lispector constrói um narrador profundamente complexo, cuja presença ultrapassa a função tradicional de conduzir os acontecimentos narrativos. Rodrigo S. M. não apenas conta a história de Macabéa, mas reflete constantemente sobre o próprio ato de narrar, estabelecendo uma dimensão metaficcional que constitui um dos elementos centrais da obra.

A narrativa assume, assim, um caráter autorreflexivo, no qual o narrador expõe suas inseguranças, hesitações e limites diante da tentativa de representar uma existência marcada pela invisibilidade social. Rodrigo torna-se, simultaneamente, narrador, personagem e consciência crítica da exclusão humana retratada na obra.

A metaficção presente no romance evidencia uma ruptura com os modelos tradicionais de narrativa linear e objetiva. Rodrigo S. M. interrompe frequentemente

a história para comentar o processo de escrita, questionar suas escolhas narrativas e refletir sobre sua incapacidade de traduzir plenamente a realidade de Macabéa.

Essas interrupções revelam que a narrativa não pretende oferecer uma representação transparente do mundo, mas problematizar os próprios limites da linguagem e da literatura diante da miséria humana. O narrador reconhece que contar a história de uma personagem socialmente invisível implica enfrentar dilemas éticos e estéticos profundamente complexos.

Ao assumir essa postura reflexiva, Rodrigo S. M. transforma-se em figura marcada pela inquietação existencial. Ele demonstra desconforto constante diante da precariedade da vida de Macabéa e admite sentir-se afetado pela narrativa que constrói. Diferentemente de um narrador neutro e distanciado, Rodrigo envolve-se emocionalmente com a personagem, ainda que nem sempre consiga compreendê-la plenamente.

Sua fala revela culpa, angústia e impotência diante das desigualdades sociais que produzem existências apagadas como a de Macabéa. A narrativa, portanto, converte-se em espaço de confronto entre o narrador e as contradições éticas da sociedade contemporânea.

A presença de Rodrigo também evidencia a dimensão social da obra. Embora o narrador pertença a um universo cultural e intelectual distinto do de Macabéa, ele reconhece que sua posição privilegiada não o isenta de responsabilidade diante da exclusão social da protagonista.

O desconforto do narrador decorre justamente da percepção de que ele observa uma realidade da qual, em certa medida, participa simbolicamente enquanto integrante de uma sociedade desigual. Dessa forma, a metaficção clariceana não se limita a um exercício formalista, mas adquire forte dimensão crítica ao questionar os mecanismos sociais que silenciam determinados sujeitos.

Essa dimensão autorreflexiva da escrita é explicitada quando o narrador afirma:

Escrevo porque não tenho nada a fazer no mundo: sobrei e não há lugar para mim na terra dos homens. Escrevo porque sou um desesperado e estou cansado, não suporto a rotina de me ser e se não fosse a sempre novidade que é escrever, eu me morreria simbolicamente todos os dias (Lispector, 1998, p. 21).

A passagem evidencia que Rodrigo S. M. também se encontra atravessado por conflitos existenciais. O narrador revela sentimentos de deslocamento, vazio e inadequação, aproximando-se, em certa medida, da própria condição de Macabéa. A

escrita surge como tentativa de sobrevivência simbólica diante da angústia existencial que marca sua relação com o mundo.

Clarice Lispector constrói, assim, um narrador profundamente humano, cuja fragilidade rompe com a imagem tradicional de autoridade narrativa absoluta. Rodrigo narra porque precisa compreender a si mesmo e a realidade social que o cerca.

Outro aspecto relevante da metaficção em *A Hora da Estrela* refere-se à constante problematização da linguagem. Rodrigo demonstra insegurança diante das palavras e reconhece repetidamente a insuficiência da linguagem para representar a experiência humana em sua totalidade.

Em vários momentos, admite que a história de Macabéa escapa às possibilidades de explicação racional ou estética. Essa consciência dos limites da escrita revela uma característica marcante da obra clariceana: a compreensão de que a literatura não oferece respostas definitivas, mas produz questionamentos sobre a existência, o sofrimento e a condição humana.

A relação entre Rodrigo S. M. e Macabéa também pode ser compreendida como metáfora das tensões entre centro e margem na sociedade brasileira. O narrador intelectualizado tenta narrar a vida de uma mulher pobre, nordestina e invisibilizada, mas reconhece constantemente a distância que existe entre ambos.

Ele sabe que jamais conseguirá experimentar plenamente a realidade da protagonista, e essa limitação torna-se elemento central da narrativa. Clarice Lispector evidencia, assim, a dificuldade histórica das elites intelectuais em compreender integralmente as experiências vividas pelos sujeitos marginalizados.

Essa impossibilidade de apreensão plena da personagem é explicitada quando o narrador afirma: Ela me incomoda tanto que fiquei oco. Estou oco desta moça. E ela tanto me incomoda que eu fui obrigado a procurar um meio de reproduzi-la (Lispector, 1998, p. 34).

A citação demonstra o impacto existencial que Macabéa provoca no narrador. Rodrigo sente-se perturbado pela presença da personagem porque ela representa uma realidade social frequentemente ignorada ou silenciada. A expressão “fiquei oco” revela um esvaziamento interior causado pelo confronto com a precariedade humana da protagonista.

Narrar Macabéa torna-se, portanto, uma necessidade ética, ainda que marcada pela consciência de suas limitações. O narrador compreende que dar visibilidade à personagem significa também confrontar a própria indiferença social diante das vidas marginalizadas.

A metaficção presente na obra também produz um efeito importante sobre o leitor. Ao revelar continuamente os bastidores da narrativa, Rodrigo S. M. impede que a leitura ocorra de maneira passiva ou puramente contemplativa. O leitor é constantemente lembrado de que está diante de uma construção literária que exige reflexão crítica sobre a realidade representada.

Clarice Lispector rompe, assim, a ilusão tradicional da narrativa transparente, convidando o leitor a participar ativamente do processo interpretativo e a questionar as estruturas sociais que tornam possíveis existências como a de Macabéa.

O narrador assume função ética ao reconhecer a humanidade da protagonista em um mundo que insiste em negá-la. Embora muitas vezes hesitante e contraditório, Rodrigo S. M. torna-se responsável por impedir que Macabéa desapareça completamente no anonimato social.

O ato de narrar converte-se em gesto de resistência contra o apagamento simbólico dos sujeitos periféricos. Nesse sentido, a literatura aparece como espaço de memória, denúncia e reconhecimento da dignidade humana daqueles que permanecem às margens da sociedade.

Portanto, Rodrigo S. M. constitui muito mais que um simples narrador: ele representa a consciência crítica da exclusão social e dos limites da representação literária diante da miséria humana. A metaficção construída por Clarice Lispector transforma a narrativa em espaço de reflexão filosófica, ética e social, no qual o próprio ato de escrever é problematizado. Ao expor suas fragilidades, dúvidas e inquietações, Rodrigo humaniza a experiência narrativa e evidencia que contar a história de Macabéa significa confrontar as violências silenciosas produzidas por uma sociedade marcada pela desigualdade e pela invisibilidade das margens.

A Hora da Estrela e a Denúncia da Invisibilidade Social: Literatura, Exclusão e Humanidade

A obra *A Hora da Estrela* constitui-se como uma das narrativas mais contundentes da literatura brasileira contemporânea no que se refere à denúncia da invisibilidade social e da precarização da existência humana. Por meio da trajetória de Macabéa, jovem nordestina pobre que vive à margem da sociedade urbana do Rio de Janeiro, Clarice Lispector evidencia a violência simbólica produzida por uma sociedade estruturada sobre desigualdades econômicas, culturais e afetivas.

A protagonista representa sujeitos historicamente silenciados, cuja presença social é constantemente negada pela lógica da produtividade, do consumo e da valorização estética. Nesse sentido, o romance ultrapassa a dimensão individual da

personagem e transforma-se em uma profunda reflexão sobre exclusão, invisibilidade e abandono social.

A invisibilidade de Macabéa manifesta-se desde sua condição econômica até sua incapacidade de ser percebida como sujeito pleno de humanidade. Ela ocupa espaços marginais, exerce trabalhos mecânicos e vive em um quarto miserável compartilhado com outras mulheres igualmente precarizadas. Sua existência é marcada pela ausência de reconhecimento social, afetivo e simbólico.

O romance evidencia que a exclusão não ocorre apenas no plano material, mas também no campo da linguagem, da escuta e da representação social. Macabéa vive como alguém que não possui voz, desejos legitimados ou espaço de pertencimento. A narrativa clariceana demonstra que a sociedade moderna produz sujeitos descartáveis, condenados à invisibilidade cotidiana.

Ao analisar essa dimensão social da obra, percebe-se que o narrador Rodrigo S. M. reconhece a dificuldade de representar literariamente alguém como Macabéa. Tal dificuldade revela um conflito ético da própria literatura diante daqueles que foram historicamente silenciados.

O narrador compreende que falar sobre Macabéa implica confrontar desigualdades profundas e reconhecer a brutalidade social que transforma vidas humanas em existências insignificantes aos olhos coletivos. Assim, a narrativa assume também uma função política ao denunciar os mecanismos de exclusão que operam silenciosamente na sociedade brasileira.

Nesse contexto, a reflexão de Candido (2011) contribui significativamente para compreender a dimensão humanizadora da literatura.

A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante. Ela não corrompe nem edifica segundo padrões morais fixos, mas humaniza em sentido profundo, porque faz viver. A experiência literária permite reconhecer no outro a sua condição humana, inclusive quando esse outro ocupa posições marginalizadas ou invisíveis no espaço social (Candido, 2011, p. 182).

A partir dessa perspectiva, *A Hora da Estrela* pode ser compreendida como uma narrativa que obriga o leitor a enxergar aquilo que a sociedade prefere ocultar. Clarice desloca o foco narrativo para uma personagem aparentemente banal, sem glamour ou heroicidade, rompendo com modelos tradicionais de protagonismo literário.

Ao fazer isso, a autora transforma a fragilidade de Macabéa em instrumento de crítica social e humanização. O leitor é confrontado com uma realidade

desconfortável: a existência de milhares de sujeitos socialmente invisíveis que vivem sem reconhecimento, afeto ou dignidade.

A exclusão social retratada no romance articula-se diretamente à condição migratória e regional da personagem. Macabéa é uma nordestina pobre vivendo no espaço urbano sudestino, carregando marcas de preconceito regional, desigualdade econômica e exclusão cultural. Sua trajetória revela as assimetrias históricas do Brasil e evidencia como determinados corpos tornam-se mais vulneráveis à marginalização social.

A cidade grande não representa possibilidade de emancipação, mas aprofundamento da solidão e da invisibilidade. Clarice constrói uma crítica contundente à modernização urbana brasileira, mostrando que o progresso econômico não elimina as estruturas de exclusão.

Nesse sentido, a leitura da obra também dialoga com reflexões sociológicas acerca da invisibilidade dos sujeitos periféricos. Conforme destaca Souza (2018):

A desigualdade brasileira não é apenas econômica; ela é também moral e simbólica. Certos grupos sociais são considerados inferiores e indignos de reconhecimento pleno. A invisibilidade social é produzida quando determinados indivíduos deixam de ser percebidos como sujeitos dotados de valor humano, tornando-se corpos descartáveis dentro da lógica excludente da modernidade periférica (Souza, 2017, p. 95).

A citação evidencia como a trajetória de Macabéa simboliza a produção social da invisibilidade. Ela não é ignorada apenas porque é pobre, mas porque ocupa uma posição estruturalmente desvalorizada dentro da sociedade. Sua existência não desperta interesse, empatia ou atenção significativa.

Até mesmo suas relações afetivas são marcadas por violência simbólica, desprezo e humilhação. Olímpico de Jesus, por exemplo, representa uma masculinidade brutalizada que reproduz relações de poder e inferiorização sobre a protagonista. Dessa maneira, Clarice Lispector demonstra que a exclusão social opera tanto nas instituições quanto nas relações cotidianas.

Outro aspecto relevante da obra é a crítica ao consumo e à cultura de massas. Macabéa constrói sua percepção de felicidade a partir de fragmentos de programas de rádio, propagandas e discursos superficiais disseminados pela cultura urbana. Sua subjetividade é moldada por discursos prontos, revelando como indivíduos marginalizados muitas vezes constroem seus sonhos com base em ilusões produzidas socialmente.

A personagem vive entre carências materiais e fantasias simplificadas de felicidade, o que reforça ainda mais sua condição de fragilidade existencial. Clarice

evidencia, assim, o vazio produzido por uma sociedade que oferece consumo simbólico, mas nega dignidade concreta.

Portanto, *A Hora da Estrela* permanece atual justamente porque denuncia estruturas sociais que continuam produzindo invisibilidade e exclusão. A obra evidencia que determinadas vidas seguem sendo consideradas menos importantes, menos dignas e menos visíveis dentro das dinâmicas sociais contemporâneas. Ao transformar Macabéa em protagonista, Clarice Lispector realiza um gesto literário profundamente ético e humanizador: concede centralidade narrativa a alguém que a sociedade insistiria em ignorar. Dessa forma, o romance reafirma a capacidade da literatura de revelar as dores humanas silenciadas e de provocar reflexão crítica sobre as desigualdades que atravessam a experiência social brasileira.

A Fragilidade Humana e o Vazio Existencial: Uma Leitura Filosófica de A Hora da Estrela

A obra *A Hora da Estrela* apresenta uma profunda reflexão sobre a fragilidade da existência humana e o vazio existencial que atravessa a condição do sujeito moderno. Por meio da personagem Macabéa, Clarice Lispector constrói uma narrativa marcada pela precariedade material, pela ausência de pertencimento e pela incapacidade da protagonista de compreender plenamente sua própria condição no mundo.

A trajetória da personagem evidencia uma existência silenciosa, quase invisível, sustentada por rotinas mecânicas e pela carência absoluta de reconhecimento social e afetivo. Nesse contexto, o romance ultrapassa a dimensão social e adentra questões filosóficas relacionadas ao sentido da vida, à solidão e à vulnerabilidade humana.

Macabéa representa uma personagem cuja existência parece destituída de significado dentro das estruturas sociais que a cercam. Sua vida é marcada pela repetição, pela submissão e pela ausência de expectativas concretas de transformação. Ela vive sem grandes projetos, sem consciência crítica de sua exclusão e sem domínio sobre os próprios desejos.

Tal condição aproxima a narrativa de reflexões existencialistas acerca do absurdo da existência e da dificuldade humana em encontrar sentido em uma realidade marcada pela indiferença. A protagonista não questiona profundamente sua situação porque sequer possui instrumentos subjetivos para elaborar sua própria dor existencial.

A narrativa clariceana aproxima-se, nesse aspecto, das reflexões filosóficas de Jean-Paul Sartre acerca da condição humana. Para o existencialismo, o ser humano encontra-se lançado em um mundo desprovido de sentido prévio, sendo responsável por construir sua própria existência.

Contudo, em Macabéa, percebe-se justamente a ausência dessa consciência existencial ativa. Ela vive em estado de passividade extrema, submetida às circunstâncias sociais e emocionais que moldam sua trajetória. Sua alienação evidencia uma existência marcada pelo esvaziamento subjetivo e pela impossibilidade de autodeterminação. Nesse sentido, as reflexões de Sartre contribuem para compreender a dimensão filosófica da obra.

Conforme afirma o filósofo Sartre (2014):

O homem nada mais é do que aquilo que faz de si mesmo. Tal é o primeiro princípio do existencialismo. O ser humano está condenado a ser livre, porque uma vez lançado no mundo é responsável por tudo aquilo que faz. Não existe natureza humana predeterminada; existe apenas o homem, que se constrói continuamente através de suas escolhas e de sua relação com o mundo (Sartre, 2014, p. 33).

Ao relacionar essa perspectiva à personagem Macabéa, percebe-se uma contradição fundamental: embora filosoficamente livre, ela encontra-se socialmente aprisionada pelas condições de pobreza, exclusão e invisibilidade. Sua existência revela os limites concretos da liberdade humana em contextos marcados pela desigualdade estrutural.

Clarice Lispector demonstra que a liberdade existencial não pode ser pensada de forma abstrata, desvinculada das condições materiais e históricas que condicionam a vida dos sujeitos. Assim, a fragilidade de Macabéa não é apenas emocional ou psicológica, mas profundamente social e ontológica.

Outro aspecto relevante da narrativa é a presença constante do vazio existencial. Macabéa vive em estado de incompletude permanente, sem consciência plena de seus desejos ou da ausência de sentido que permeia sua vida. Sua subjetividade é construída a partir de pequenos fragmentos cotidianos, como ouvir rádio, tomar café ou imaginar superficialmente um futuro melhor.

No entanto, tais elementos não preenchem efetivamente sua existência, funcionando apenas como mecanismos frágeis de sustentação emocional. O romance evidencia que a modernidade urbana produz sujeitos esvaziados, incapazes de estabelecer vínculos profundos consigo mesmos e com os outros.

O silêncio ocupa papel central na construção desse vazio existencial. Macabéa fala pouco, questiona pouco e quase não expressa emoções complexas. Seu silêncio

não representa apenas timidez, mas uma forma radical de apagamento subjetivo. Ela parece não possuir linguagem suficiente para compreender sua própria dor.

Clarice Lispector utiliza esse silêncio como recurso estético e filosófico, revelando a insuficiência da linguagem diante da experiência humana mais profunda. A narrativa evidencia que existem sofrimentos que escapam às formas tradicionais de representação discursiva. Nesse contexto, as reflexões de Camus (2019) sobre o absurdo também dialogam intensamente com a obra.

O absurdo nasce desse confronto entre o apelo humano e o silêncio irracional do mundo. O homem deseja clareza, sentido, permanência, mas encontra apenas um universo indiferente às suas angústias. Essa ruptura entre o desejo de significado e a ausência de respostas constitui a experiência fundamental do absurdo humano (Camus, 2019, p. 41).

239

A trajetória de Macabéia exemplifica precisamente esse confronto entre fragilidade humana e indiferença do mundo. Sua morte abrupta, ao final do romance, reforça a percepção da precariedade da existência e da ausência de qualquer lógica moral capaz de organizar a experiência humana.

A personagem viveu invisível e morre quase da mesma maneira, sem reconhecimento significativo de sua humanidade. Ainda assim, Clarice Lispector transforma essa existência aparentemente insignificante em objeto central da narrativa, conferindo dignidade literária àquilo que socialmente é ignorado.

A leitura filosófica de *A Hora da Estrela* permite compreender que a obra não trata apenas da pobreza ou da exclusão social, mas da própria condição humana diante do vazio existencial e da fragilidade da vida. Macabéia simboliza sujeitos que vivem à margem não apenas da sociedade, mas também da possibilidade plena de reconhecimento existencial. Sua trajetória evidencia a precariedade das relações humanas, a insuficiência dos discursos sociais de progresso e a solidão que atravessa o sujeito moderno.

Finalizando esta parte, tem-se que Clarice Lispector constrói uma narrativa profundamente humanizadora ao transformar a fragilidade em elemento central da experiência literária. A autora demonstra que mesmo vidas aparentemente insignificantes carregam dramas existenciais complexos e universais. Ao dar voz — ainda que fragmentada e silenciosa — a uma personagem invisibilizada, a obra provoca reflexão sobre sofrimento, abandono, sentido da existência e vulnerabilidade humana. Dessa maneira, *A Hora da Estrela* consolida-se como uma das mais importantes reflexões filosóficas da literatura brasileira contemporânea sobre o vazio existencial e a condição humana na modernidade.

Literatura e Denúncia Social: As Margens Urbanas e a Desumanização do Sujeito Nordestino na Modernidade Brasileira

A obra *A Hora da Estrela* apresenta-se como uma das mais significativas narrativas de denúncia social da literatura brasileira contemporânea, ao evidenciar as formas de exclusão, invisibilidade e desumanização que atingem sujeitos marginalizados no contexto urbano brasileiro. Por meio da trajetória de Macabéa, jovem nordestina pobre que migra para o Rio de Janeiro em busca de sobrevivência, Clarice Lispector constrói uma crítica profunda às desigualdades estruturais da sociedade brasileira e à violência simbólica produzida pela modernidade urbana.

A protagonista representa indivíduos historicamente silenciados e relegados às margens sociais, cuja humanidade é constantemente negada pelas lógicas econômicas, culturais e afetivas que organizam a vida social. Sua trajetória evidencia a invisibilidade social produzida pelas desigualdades estruturais, revelando sujeitos que sobrevivem em contextos marcados pela exclusão, pela precariedade e pela ausência de reconhecimento.

A condição nordestina de Macabéa possui centralidade na construção dessa crítica social. A personagem carrega consigo marcas históricas de preconceito regional, pobreza extrema e exclusão cultural. Sua migração para o Sudeste não produz emancipação, mas intensifica sua condição de vulnerabilidade e invisibilidade.

A cidade grande, frequentemente associada ao progresso e às oportunidades, surge no romance como espaço de indiferença e brutalidade social. Clarice Lispector evidencia que o processo de urbanização brasileira não eliminou desigualdades históricas, mas aprofundou mecanismos de segregação que atingem especialmente sujeitos pobres e periféricos.

A narrativa demonstra que Macabéa ocupa uma posição social marcada pela ausência de reconhecimento. Ela trabalha em funções precarizadas, habita espaços degradados e mantém relações afetivas permeadas por humilhação e desprezo. Sua existência parece não despertar interesse social significativo, tornando-a quase invisível dentro da dinâmica urbana.

Nesse sentido, o romance denuncia a naturalização da exclusão social e da desumanização cotidiana dos sujeitos marginalizados. A protagonista não é apenas pobre; ela é alguém cuja subjetividade foi socialmente apagada e cuja existência parece destituída de importância coletiva.

Ao refletir sobre essa dimensão da exclusão, Santos (2014) analisa como a urbanização periférica produz sujeitos socialmente invisíveis.

A cidade corporativa e fragmentada cria espaços de inclusão e exclusão, produzindo cidadãos de diferentes categorias. Enquanto alguns usufruem plenamente dos benefícios da urbanização, outros permanecem relegados às margens, privados de direitos, de reconhecimento e de participação efetiva na vida social. A pobreza urbana não é apenas ausência de renda, mas também ausência de cidadania e de visibilidade social (Santos, 2014, p. 132).

Essa reflexão dialoga diretamente com a condição de Macabéa em *A Hora da Estrela*. A personagem vive fisicamente na cidade, mas permanece excluída de seus espaços de pertencimento e reconhecimento. Ela circula pelas ruas, trabalha e consome minimamente, mas não participa plenamente da vida urbana.

Sua existência é reduzida à sobrevivência cotidiana, revelando a face excludente da modernidade brasileira. Clarice Lispector evidencia que determinados sujeitos são admitidos apenas como corpos funcionais, sem acesso efetivo à dignidade, à escuta e à cidadania. A personagem torna-se símbolo das múltiplas formas de marginalização social presentes nos grandes centros urbanos, onde a pobreza e a invisibilidade são naturalizadas pelas estruturas sociais.

Outro aspecto relevante da obra é a crítica à cultura do consumo e à superficialidade das relações sociais na modernidade urbana. Macabéa constrói seus sonhos e desejos a partir de discursos fragmentados da rádio, da publicidade e das narrativas de felicidade disseminadas pela cultura de massas. Esses elementos revelam como os meios de comunicação influenciam a construção de expectativas ilusórias, oferecendo modelos de felicidade distantes da realidade vivida pelas classes socialmente vulneráveis. Dessa maneira, a narrativa expõe a alienação produzida pela sociedade de consumo, na qual os indivíduos passam a desejar símbolos e promessas que não conseguem alcançar efetivamente.

Entretanto, esses discursos não produzem emancipação real, funcionando apenas como ilusões frágeis diante da precariedade concreta de sua existência. A narrativa demonstra como a sociedade moderna oferece promessas simbólicas de felicidade ao mesmo tempo em que mantém milhões de sujeitos excluídos das condições materiais mínimas de dignidade.

A relação de Macabéa com Olímpico de Jesus evidencia formas cotidianas de violência simbólica e desumanização. O relacionamento entre ambos é marcado pela ausência de afeto genuíno, pelo desprezo e pela instrumentalização da protagonista. Olímpico reproduz comportamentos autoritários e agressivos que refletem estruturas sociais baseadas em desigualdade e dominação.

A violência sofrida por Macabéa não se limita à pobreza econômica, mas alcança também o plano emocional e subjetivo, revelando como sujeitos

marginalizados frequentemente experimentam relações afetivas atravessadas por opressão e invisibilidade. Sua vida cotidiana evidencia a precariedade das relações humanas nas camadas sociais mais vulneráveis, onde a solidão, o abandono e a falta de reconhecimento se tornam elementos estruturais da existência.

Nesse contexto, a reflexão de Candido (2011) torna-se fundamental para compreender o papel social da literatura na denúncia dessas desigualdades. O autor ressalta que a obra literária não apenas retrata a realidade, mas atua como instrumento crítico capaz de sensibilizar e mobilizar o leitor diante das injustiças sociais. Assim, a literatura cumpre uma função ética e política, permitindo a visibilização de sujeitos historicamente silenciados e convidando à reflexão sobre os mecanismos de opressão presentes na sociedade.

Conforme afirma o autor:

A literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar situações de restrição dos direitos ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro, ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos, pois humaniza ao revelar aquilo que a sociedade procura ocultar (Candido, 2011, p. 188).

A obra clariceana cumpre precisamente essa função humanizadora e crítica. Ao transformar Macabéa em protagonista, Clarice Lispector desloca o olhar literário para sujeitos historicamente marginalizados e invisibilizados pela sociedade brasileira. A narrativa rompe com padrões tradicionais de representação ao conferir centralidade a uma personagem marcada pela pobreza, pela solidão e pela exclusão social, revelando a complexidade humana presente nas existências consideradas socialmente insignificantes.

A autora rompe com modelos tradicionais de protagonismo e concede centralidade narrativa a uma personagem considerada socialmente insignificante. Esse gesto literário possui profundo valor político e ético, pois obriga o leitor a confrontar realidades frequentemente ignoradas pela lógica social dominante.

Clarice Lispector promove, assim, uma inversão das hierarquias sociais e literárias, valorizando sujeitos que historicamente permaneceram à margem das narrativas centrais da sociedade. A obra evidencia que mesmo vidas invisibilizadas carregam complexidade, humanidade e sofrimento, exigindo do leitor uma postura de reflexão crítica e sensibilidade social.

Outro elemento importante da narrativa é a construção do silêncio como expressão da exclusão social. Macabéa fala pouco, questiona pouco e raramente

consegue elaborar verbalmente sua própria dor. Seu silêncio simboliza a ausência de espaços legítimos de fala para sujeitos periféricos dentro da sociedade brasileira.

Esse aspecto revela como determinados grupos sociais são privados não apenas de recursos materiais, mas também do direito à expressão, à escuta e ao reconhecimento de suas experiências. O silêncio da personagem funciona, portanto, como representação simbólica da opressão histórica sofrida pelos indivíduos marginalizados e socialmente invisíveis.

Clarice Lispector evidencia que a exclusão não ocorre apenas no plano econômico, mas também no campo da linguagem e da representação social. A protagonista parece não possuir instrumentos simbólicos suficientes para compreender plenamente sua condição, o que aprofunda ainda mais sua invisibilidade.

A limitação de sua consciência crítica demonstra como as desigualdades sociais também produzem formas de alienação e silenciamento subjetivo, dificultando processos de autonomia e resistência. Dessa maneira, a narrativa denuncia mecanismos sociais que impedem determinados sujeitos de construírem plenamente sua identidade e sua participação social.

A morte de Macabéa, ao final da narrativa, reforça a crítica à precariedade da vida dos sujeitos marginalizados na modernidade brasileira. Sua existência encerra-se de maneira abrupta e silenciosa, quase sem impacto social significativo. O desfecho evidencia a fragilidade das vidas socialmente excluídas, cuja ausência raramente provoca comoção ou transformação coletiva dentro de uma sociedade marcada pela indiferença.

Assim, a narrativa expõe a desumanização produzida pelas desigualdades estruturais, mostrando como certos indivíduos permanecem invisíveis até mesmo diante da própria morte. Clarice Lispector evidencia que a exclusão social atinge níveis tão profundos que determinadas vidas deixam de ser percebidas como relevantes pela coletividade. Dessa forma, a obra denuncia a banalização do sofrimento humano e a indiferença social diante da precariedade vivida pelos sujeitos marginalizados, reforçando o caráter crítico e humanizador da narrativa.

Contudo, paradoxalmente, é nesse momento final que a personagem alcança certa visibilidade narrativa. Clarice transforma uma vida socialmente descartável em objeto central da literatura, revelando a potência ética da arte em conferir humanidade àqueles que foram historicamente apagados. A morte da protagonista evidencia a brutalidade de uma sociedade incapaz de reconhecer plenamente a dignidade dos sujeitos periféricos.

Finalizando a fundamentação teórica, tem-se que *A Hora da Estrela* permanece extremamente atual por denunciar mecanismos de exclusão e desumanização que continuam estruturando a sociedade brasileira contemporânea. A obra evidencia que as margens urbanas permanecem ocupadas por sujeitos invisibilizados, submetidos à pobreza, ao preconceito e à negação de direitos fundamentais.

Clarice Lispector constrói, assim, uma narrativa que ultrapassa o campo estético e assume dimensão profundamente social, política e humanitária. O romance reafirma a capacidade da literatura de revelar dores silenciadas, denunciar injustiças históricas e provocar reflexão crítica sobre as desigualdades que atravessam a experiência humana na modernidade brasileira.

RESULTADOS E ANÁLISE DA PESQUISA

A análise desenvolvida ao longo desta pesquisa permitiu compreender que *A Hora da Estrela* se constitui como uma obra profundamente marcada pela reflexão existencial, pela denúncia social e pela problematização da invisibilidade humana na modernidade brasileira. Os resultados obtidos evidenciam que a narrativa de Clarice Lispector ultrapassa os limites de uma representação individual da pobreza e da marginalidade, transformando a trajetória de Macabéa em símbolo das múltiplas formas de exclusão produzidas pela sociedade contemporânea. A obra revelou-se um espaço literário de tensão entre subjetividade, silêncio, sofrimento e apagamento social, articulando elementos filosóficos, estéticos e sociológicos de maneira profundamente crítica e humanizadora.

No plano existencial, verificou-se que a personagem Macabéa representa a fragilidade do sujeito diante de uma realidade marcada pela ausência de pertencimento e pela precariedade das relações humanas. A protagonista vive uma existência limitada pela pobreza material, pela escassez afetiva e pela incapacidade de reconhecer plenamente sua própria condição de exclusão.

A análise demonstrou que Clarice Lispector constrói uma personagem cuja subjetividade é atravessada pelo vazio existencial, pela solidão e pela invisibilidade. Macabéa não apenas sofre socialmente, mas experimenta uma profunda ausência de sentido, vivendo de forma mecânica e resignada em um mundo que constantemente a ignora.

Os resultados da pesquisa também evidenciaram a centralidade do narrador Rodrigo S. M. na construção crítica da narrativa. Observou-se que o narrador não atua

apenas como contador da história, mas como sujeito inquieto diante da dificuldade ética de representar literariamente uma personagem invisibilizada socialmente.

Sua presença metaficcional rompe com a linearidade tradicional da narrativa e expõe os limites da própria linguagem na tentativa de representar o sofrimento humano. A constante autorreflexão do narrador revelou-se um dos principais recursos utilizados por Clarice Lispector para problematizar a relação entre literatura, representação e realidade social.

No que se refere aos aspectos estéticos, a pesquisa demonstrou que a linguagem fragmentada, introspectiva e subjetiva constitui elemento essencial na construção do universo narrativo da obra. Clarice Lispector utiliza rupturas sintáticas, pausas reflexivas, silêncios discursivos e fragmentação narrativa para expressar a instabilidade existencial da personagem e a complexidade da condição humana.

Verificou-se que esses recursos estéticos não possuem função meramente formal, mas atuam diretamente na construção dos sentidos filosóficos e sociais do romance. A fragmentação da linguagem acompanha a fragmentação subjetiva de Macabéa e reforça a sensação de precariedade que atravessa toda a narrativa.

Outro resultado relevante da pesquisa refere-se à dimensão social e política presente na obra. A análise evidenciou que *A Hora da Estrela* constitui importante denúncia das desigualdades estruturais da sociedade brasileira, especialmente no que diz respeito à marginalização do sujeito nordestino pobre nos grandes centros urbanos.

A trajetória de Macabéa revelou como processos de urbanização, modernização e exclusão econômica produzem sujeitos invisíveis e socialmente descartáveis. A personagem simboliza indivíduos historicamente marginalizados pelas estruturas sociais brasileiras, evidenciando relações de desigualdade atravessadas por classe social, origem regional e exclusão cultural.

A pesquisa também possibilitou identificar a forte presença de elementos filosóficos existencialistas na narrativa clariceana. Observou-se que a obra dialoga com questões centrais do existencialismo, como o absurdo da existência, a solidão humana, a busca por sentido e a precariedade da condição humana.

Contudo, verificou-se que Clarice Lispector não reproduz mecanicamente conceitos filosóficos, mas os ressignifica a partir da realidade social brasileira e da experiência concreta da marginalização. O vazio existencial de Macabéa não pode ser compreendido apenas como questão abstrata, mas como consequência das condições sociais de exclusão e invisibilidade às quais a personagem está submetida.

Os resultados demonstraram que a obra possui forte potencial humanizador ao deslocar o olhar literário para sujeitos tradicionalmente excluídos das representações centrais da sociedade. Ao transformar Macabéa em protagonista, Clarice Lispector rompe com modelos convencionais de heroísmo e concede dignidade narrativa a uma personagem socialmente insignificante aos olhos da lógica dominante.

A pesquisa evidenciou que essa escolha estética e ética reafirma a capacidade da literatura de provocar empatia, reflexão crítica e sensibilização diante das dores humanas frequentemente invisibilizadas pela sociedade contemporânea. A obra demonstra como a linguagem literária pode ampliar a percepção do leitor sobre as desigualdades sociais, promovendo questionamentos acerca das estruturas de exclusão presentes na modernidade brasileira.

Outro aspecto identificado na análise foi a atualidade da obra diante das persistentes desigualdades sociais brasileiras. Mesmo publicada em 1977, *A Hora da Estrela* permanece relevante ao revelar mecanismos de exclusão que continuam presentes na realidade brasileira contemporânea. A narrativa evidencia problemas estruturais relacionados à pobreza, à invisibilidade social e à negação da dignidade humana, aspectos que ainda marcam profundamente a sociedade brasileira.

A invisibilidade social, a precarização da vida urbana, a marginalização dos sujeitos periféricos e a naturalização da pobreza permanecem como questões estruturais da sociedade brasileira. A obra continua provocando reflexão sobre os processos de desumanização produzidos pela modernidade e sobre a necessidade de reconhecimento da dignidade humana dos sujeitos marginalizados.

A análise permitiu concluir, portanto, que a narrativa clariceana articula de maneira profunda literatura, filosofia e crítica social, construindo uma representação complexa da condição humana. A fragilidade de Macabéa transcende a dimensão individual e torna-se expressão simbólica da vulnerabilidade de sujeitos historicamente excluídos das estruturas de poder e reconhecimento social.

Clarice Lispector transforma o silêncio, a precariedade e a invisibilidade em elementos centrais de uma literatura que denuncia desigualdades e questiona os sentidos da existência humana em uma sociedade marcada pela indiferença e pela exclusão. Sua escrita evidencia as contradições da modernidade urbana brasileira, revelando sujeitos que vivem à margem dos processos de reconhecimento social e afetivo.

Portanto, os resultados da pesquisa reafirmam a importância de *A Hora da Estrela* para os estudos literários contemporâneos, especialmente no campo das

investigações sobre subjetividade, existencialismo, marginalização social e representação das identidades periféricas. A obra demonstra que a literatura possui não apenas função estética, mas também dimensão ética, política e humanizadora. Ao revelar as dores silenciosas das margens sociais, Clarice Lispector constrói uma narrativa que permanece fundamental para a compreensão das fragilidades humanas e das contradições da modernidade brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a obra *A Hora da Estrela* a partir de uma perspectiva existencial e social, investigando de que maneira a narrativa constrói reflexões acerca da fragilidade humana, da invisibilidade social e do vazio existencial na modernidade brasileira. Ao longo da investigação, verificou-se que Clarice Lispector desenvolve uma narrativa profundamente introspectiva e crítica, na qual a trajetória de Macabéa ultrapassa a dimensão individual e transforma-se em representação simbólica de sujeitos historicamente marginalizados e silenciados pela sociedade.

A análise evidenciou que a protagonista é construída como figura marcada pela precariedade material, afetiva e existencial. Sua condição de mulher pobre, nordestina e socialmente invisibilizada revela as múltiplas formas de exclusão presentes na sociedade brasileira. Macabéa vive à margem dos espaços de reconhecimento social, sendo constantemente atravessada pelo silêncio, pela solidão e pela ausência de pertencimento. Nesse sentido, a pesquisa permitiu compreender que a obra não trata apenas da pobreza econômica, mas da própria negação da humanidade de determinados sujeitos considerados insignificantes dentro da lógica social dominante.

No plano filosófico, verificou-se que a narrativa dialoga intensamente com questões existencialistas relacionadas ao sentido da existência, ao absurdo da vida e à fragilidade da condição humana. Contudo, Clarice Lispector ressignifica essas discussões ao inseri-las no contexto das desigualdades brasileiras, demonstrando que o vazio existencial de Macabéa não decorre apenas de conflitos subjetivos abstratos, mas também das condições concretas de exclusão social e invisibilidade. A obra revela que a precariedade existencial é agravada por estruturas sociais que negam dignidade, escuta e reconhecimento aos sujeitos periféricos.

A pesquisa também possibilitou compreender a relevância estética da narrativa clariceana. Os recursos de fragmentação, introspecção, silenciamento e ruptura da linearidade narrativa mostraram-se fundamentais para a construção da

subjetividade da personagem e para a representação das instabilidades da experiência humana. O narrador Rodrigo S. M., ao refletir constantemente sobre o ato de narrar, evidencia os limites da linguagem diante da dor humana e reforça a dimensão metaficcional da obra. Dessa forma, a narrativa constrói não apenas uma história sobre exclusão, mas também uma reflexão sobre as possibilidades e insuficiências da própria literatura na representação do sofrimento social.

Outro aspecto importante identificado ao longo da pesquisa refere-se à dimensão crítica e humanizadora da obra. Ao conceder centralidade narrativa a uma personagem socialmente invisível, Clarice Lispector realiza um gesto ético de reconhecimento das existências marginalizadas. A autora rompe com modelos tradicionais de protagonismo e desloca o olhar literário para sujeitos excluídos das estruturas de poder e visibilidade. A literatura, nesse contexto, assume importante função social ao revelar dores silenciadas e provocar reflexão crítica sobre as desigualdades e desumanizações produzidas pela modernidade brasileira.

A investigação demonstrou ainda que *A Hora da Estrela* permanece extremamente atual diante das persistentes desigualdades sociais do Brasil contemporâneo. A invisibilidade dos sujeitos periféricos, a marginalização do nordestino pobre nos grandes centros urbanos, a precarização da vida e a naturalização da exclusão continuam presentes na realidade social brasileira. Assim, a obra mantém sua relevância não apenas literária, mas também política e humanitária, ao denunciar estruturas sociais que continuam produzindo sofrimento, abandono e apagamento humano.

Conclui-se, portanto, que Clarice Lispector constrói uma narrativa profundamente sensível e crítica acerca da condição humana. A trajetória de Macabéa simboliza a fragilidade dos sujeitos submetidos à exclusão social e ao silêncio existencial, revelando as contradições de uma sociedade incapaz de reconhecer plenamente a dignidade daqueles que vivem às margens. A obra reafirma a potência da literatura como espaço de reflexão filosófica, crítica social e humanização, demonstrando que a arte literária pode tornar visíveis experiências humanas frequentemente ignoradas pela lógica social dominante.

Por derradeiro, espera-se que esta pesquisa contribua para o fortalecimento dos estudos sobre literatura brasileira contemporânea, especialmente nas interfaces entre literatura, existencialismo, subjetividade e crítica social. Além disso, espera-se incentivar novas investigações acerca da obra clariceana e de outras narrativas que problematizam as experiências das margens sociais. A leitura de *A Hora da Estrela* reafirma a importância da literatura como instrumento de sensibilização,

questionamento e compreensão das fragilidades humanas que atravessam a experiência social contemporânea.

REFERÊNCIAS

CAMUS, Albert. **O estrangeiro**. Rio de Janeiro: Record, 2019.

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Petrópolis: Vozes, 2014.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2017.